

As origens do inconsciente: arcabouços da mente futura*

Arnaldo Chuster**, Rio de Janeiro

O trabalho é um ensaio sobre a metodologia analítica na investigação de estados mentais mais primitivos, principalmente à luz das idéias de Freud e W. R. Bion. O ponto de partida é a investigação da diferença entre as origens das coisas que estão no inconsciente e as origens do inconsciente em si mesmo, através da tentativa de compreensão dos movimentos psíquicos respectivos, descritos como de expansão e repetição. Ressalta-se a questão de um estado mental inacessível relacionado ao primeiro movimento e sua implicação em uma mudança de paradigma na compreensão psicanalítica, pois propõe um inconsciente que vai além do inconsciente freudiano. Utilizando a mesma metodologia de Freud em Totem e tabu, o autor cria uma ficção na qual coloca as principais idéias que considera relevantes ao tema. O objeto psicanalítico, o campo das funções psíquicas, a pré-concepção edípica são elementos teóricos articulados pela linguagem da ficção, que contribui para manter a perspectiva do pensar no inacessível em primeiro plano. O autor ilustra as idéias com trechos de relatos clínicos e discute o uso de sua metodologia, que agrega também questões relativas à diferença do uso da fantasia e da imaginação, ressaltando a imaginação criativa, sua origem no que denomina de imaginação radical e as relações da idéia de expansão do inconsciente com a intuição analítica e os diversos ritmos interpretativos do trabalho analítico.

* Trabalho apresentado inicialmente na 10ª Conferência Anual sobre Estados Mentais Primitivos, Los Angeles, em maio de 2005, com o título *The origins of the unconscious: wind“O”ws of the mind*. Um primeiro esboço deste trabalho foi apresentado no encontro *Bion in Vashon*, Seattle, Washington em fevereiro de 2005. Gostaria de expressar minha gratidão aos colegas Jane Van Buren, Jim Gooch, John Stone, Katina Kostoulas, Kirby Ogden, Marianne Robinson, Maxine Anderson e Shirley Gooch por sua generosa escuta e sugestões valiosas. A presente versão foi apresentada no Arizona Institute of Psychoanalysis, Tucson, em fevereiro de 2007.

** Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (Rio-4).

Descritores: Bion. Pré-concepção. Inconsciente. Teoria do pensar. Objeto psicanalítico. Função alfa. Aplicação de mitos.

“Mesmo nos sonhos mais bem interpretados, somos muitas vezes obrigados a deixar um lugar na obscuridade, pois notamos, durante a interpretação, que ele suscita um novelo de pensamentos do sonho que não se deixa desenredar e que não acrescenta outra contribuição ao conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o lugar onde repousa sobre o desconhecido” (Freud, 1900, p. 560).

“Eu não suponho que exista alguma chance de saber, digamos assim, o que o feto pensa, mas – prosseguindo com minha ficção científica – eu sugiro que não existe razão alguma para dizer que ele não *sente*. Penso que é muito útil considerar que alguns estágios de medo, de intenso medo, são mais facilmente visualizados ou imaginados se neles pensarmos como medos talâmicos, ou como algum tipo de manifestação glandular tal como algo que tem a ver com as supra-renais, ou com o que mais tarde transforma-se em estruturas genitais. Podemos olhar para isto como quisermos, digamos como traços de memória, mas esses mesmos traços de memória podem também ser considerados como o futuro que se antecipa lançando sua sombra” (Bion, 1976, p. 294).

“Pensamento sem pensador: pode assumir a aparência de realidade ou de uma alucinação” (Bion, 1981, p. 8).

1. Introdução

Este trabalho tem como ponto de partida e de chegada questões sobre a metodologia de investigação psicanalítica das origens dos estados mentais mais primitivos. Em outras palavras, trata-se das origens da mente humana, mais especificamente a origem do inconsciente.

Numa revisão da literatura sobre o assunto, constatei que existe muito pouca coisa escrita a respeito. Pode-se dizer que, desde Freud, sempre se investigaram prioritariamente as origens dos conteúdos que estão *no* inconsciente, mas muito pouco sobre as origens do inconsciente *em si* mesmo e que podemos considerar como o estado mental mais primitivo de todos.

Laplanche e Pontalis (1967, 1983), referindo-se às origens do inconsciente,

mencionam que os dois mecanismos originários descritos por Freud (1926) – o *recalcamento originário* e as *protofantasias* – não estão relacionados por ele entre si. Sugerem que ambos desempenham o mesmo papel, mas a sugestão não avança e não esclarecem se é um ou outro que ocorre primariamente ou se são simultâneos. De qualquer forma, não há um estudo sobre a origem do recalcamento primário e nem sobre as profantasias que avance além da teoria filogenética. Pode-se ainda considerar que, se as profantasias são, por definição, o núcleo do inconsciente, embora não o inconsciente proveniente do recalcamento, já se trata da existência efetiva do inconsciente.

Além disso, atualmente, o inconsciente, talvez por ser parte intrínseca do conceito de modernidade, na realidade um dos pilares da modernidade (Chuster, 1998, 1999), é em geral aceito como um fato dado. Tal posição inibe as dúvidas ou indagações sobre suas origens, o que, do ponto de vista epistemológico, em nada se diferencia do teólogo que se aproxima da questão da existência de Deus. Mas, como aceitamos e/ou supomos que a psicanálise situa-se numa área científica, as indagações não podem cessar: como, quando, onde e por que o inconsciente se originou? E sendo o inconsciente, para o psicanalista, sobretudo uma noção que brota da *experiência* do tratamento analítico, quais as implicações práticas desses questionamentos?

2. À luz das idéias de Bion

Bion (1997), seguindo a tradição freudiana, reconhece que uma das descobertas fundamentais da psicanálise é a existência de estados arcaicos da mente, pensamentos e idéias arcaicas, padrões primitivos de comportamento¹. Todavia, no autor vamos encontrar uma surpreendente investigação sobre esses estados mentais e seus traços remanescentes, investigação que introduziu efetivas novidades a serem pesquisadas.

Uma síntese dessa abertura de pensamento pode ser encontrada no artigo *Cesura* (1977), inspirado por uma citação de Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (1926): “Há muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar” (p. 57).

¹ “Estes elementos arcaicos têm conseqüências nos dias de hoje, suponhamos, por exemplo, que os remanescentes da fossa branquial desenvolveram-se como um tumor de fossa branquial. Deste modo, podem existir certos elementos arcaicos detectáveis em nossas personalidades ou mentes que são de fato sobreviventes e que são capazes de proliferar de forma benéfica, mas também de forma cancerosa, uma forma patológica. Esta é a única razão que torna interessante atender um paciente hoje e amanhã e no futuro, caso ele ou ela aceitem ser observados de novo” (Bion, 1997, p. 38).

No desenrolar do trabalho, Bion indaga a veracidade dessa afirmação e pergunta: “[...] devemos considerar que o feto pensa, sente, enxerga e ouve? Se for assim, quão primitivos podem ser esses pensamentos, sentimentos ou idéias?” (p. 44).

Mais adiante ele diz:

Eu posso imaginar que existem idéias que não têm força de expressão por estarem enterradas no futuro que ainda não aconteceu, ou enterradas no passado remoto de tal forma que dificilmente podemos dizer que pertencem ao que chamamos de pensamento (1977, p. 45).

Deste modo, Bion (1977) postula que existem estados mentais que podem passar totalmente despercebidos porque não fazem parte nem do que chamamos de inconsciente e nem do que chamamos de consciente. Eles são provenientes de um *terceiro* domínio mental, anterior aos demais estados e o mais próximo que consegue chegar de uma designação é a de *estado mental inacessível*.

De imediato, tal distinção pode causar perplexidade e mesmo confusão, até que possamos entender que Bion, referindo-se aos mais primitivos estados mentais da vida humana, implicitamente propõe que o inconsciente vai muito além do que tem sido descrito sob a égide do termo *inconsciente freudiano*. Em outras palavras, o assim chamado inconsciente freudiano, com todas suas características, é apenas parte de algo mais amplo, uma espécie de totalidade de origem que Bion também chamou de *O*, quando investigava as transformações (1965) dentro do campo analítico. É esse *fundo do ser*, ou talvez esse *sem fundo do ser*, a infinitude por detrás de toda existência humana, que faz com que o inconsciente esteja sempre sendo criado e em expansão, enquanto simultaneamente tem um movimento conservador, de repetição de formas.

O presente trabalho pretende discutir algumas idéias sobre a utilidade de uma teoria de complementação desses dois movimentos, *repetição* e *expansão*, traduzidos, respectivamente, pela relação entre as origens das coisas que estão *no* inconsciente e as origens do inconsciente *em si* mesmo. Para fazê-lo, vou recorrer a uma linguagem mítica, uma espécie de ficção científica, seguindo a mesma metodologia de Freud em *Totem e tabu* (1913)². Notar-se-á que, seguindo

² Neste texto, Freud utilizou-se de uma metodologia que emprega um mito antropológico que descreve o estado mental na pré-história humana. A intenção de Freud não era fazer antropologia, mas produzir em linguagem antropológica uma função teórica sobre a horda como precursora da família, descrevendo a existência de um estado mental primitivo produtor de objetos do inconsciente (nada além de seu modelo psicanalítico). Ao mesmo tempo, Freud atribuiu raízes filogenéticas ao complexo de Édipo, cruzando-o com as descrições das vicissitudes da ontogênese.

o modelo de Freud, recorro a diversas teorias científicas atuais para descrever o modelo espectral, não linear, descritivo e indeterminista que provém do conceito de *objeto psicanalítico*³ em Bion (1962).

Este tipo de recurso é recomendável, pois permite desenvolver uma linguagem que não é diretamente psicanalítica (como a de um mito ou uma ficção⁴), para que as interpretações derivadas não fiquem saturadas por observações que só confirmem precocemente a teoria psicanalítica utilizada. Tal confirmação é em algum ponto inevitável e, como disse Bion (1962), cria um *argumento circular*⁵ que podemos comparar a uma espécie de foco que estabelece o campo da investigação. Após isso, tudo depende do diâmetro do foco, quanto mais estreito ou saturado, menos psicanalítico no sentido da *capacidade imaginativa*, a capacidade que, como postulo adiante, é a *ponte entre a intuição analítica e a Language of Achievement* (Bion, 1970) – a linguagem psicanalítica por excelência.⁶

Outro vértice deste recurso é produzir o que Bion (1963) chamou de *pré-concepção analítica*, que é o veículo da *função analítica da personalidade* – a função que decide os fatos que promovem a transição do *conhecendo sobre* para o *tornar-se O*. Do lado do analista, essa função seleciona fatos que produzem *transformações psicanalíticas*: a *experiência emocional* que pode levar a uma interpretação capaz de promover uma *transformação em O* ou o processo de *como se tornar o que se é*. Denomino essas transformações de *interpretações criativas* (vide nota de rodapé 7).

No sentido geral, os dois vértices acima descritos significam que, quanto mais saturada por uma teoria formal é a observação, menor é a *capacidade imaginativa* do analista e menos possibilidades tem de trabalhar com a idéia de expansão do inconsciente, ficando mais sujeito ao trabalho com a repetição de formas. Isto

³ O conceito surgiu em *Learning from experience*, (1962), através da fórmula $\{\psi(\xi) (\pm Y) (M)\}$ significando *pré-concepção* $\psi(\xi)$, procura uma realização no espectro de desenvolvimento *narcisismo* \leftrightarrow *socialismo* $(\pm Y)$ para criar uma concepção sob os auspícios da inerente complexidade de um organismo biológico (M).

⁴ As qualidades oníricas deste tipo de linguagem, como se enfatizará ao longo deste trabalho, atendem melhor à *imaginação* do analista, que se pode permitir, como ocorre com um escritor, ir descrevendo seus personagens passo a passo, vivendo a surpresa de suas falas e sentimentos, enquanto a trama se desenvolve.

⁵ Na realidade, um argumento tipicamente freudiano, pois, se no início o foco se assemelha ao de um arqueólogo investigando origens, quando se supõe ter nelas chegado, todo o problema é recolocado de forma mítica, reconstruindo-o em direção à questão inicial, que, sendo refeita, não se esgota com respostas.

⁶ Derivada do que Bion (1970) chamou *ato de fé*, que seria o estado mental científico da análise, ou seja, o estado mental *sem* desejo, *sem* memória e *sem* necessidade de compreensão.

implica em resultados clínicos diferentes e formas distintas de interpretação (vide nota de rodapé 7).

A pré-concepção analítica pode também ser considerada como um instrumental que, além de aumentar as possibilidades de fornecer interpretações criativas, diminui as possibilidades de fornecer interpretações saturadas de memória \Leftrightarrow desejo, embora, no processo analítico, estas sejam em algum momento inevitáveis, pois fazem parte da instabilidade e da irregularidade do desenvolvimento analítico e da vulnerabilidade do analista perante uma série de fatores externos e internos⁷.

Particularmente alerta aqui para as interpretações mais saturadas de memória/desejo que se situam significativamente num extremo oposto ao que chamo de *interpretações criativas*, que têm, como já foi dito, a significação da *Language of Achievement* (1970) e estão relacionadas com o aumento de possibilidades de produzir uma *transformação em O*.

Há pacientes, sobre os quais falarei mais adiante, cuja problemática produz no analista uma forte tendência para as interpretações carregadas de memória e desejo, afastando-o da intuição analítica e da *interpretação criativa*.

⁷ No meu trabalho *Interpretações analíticas e princípios ético-estéticos de observação*, (44^o IPAC, julho de 2005), abordei a questão da vulnerabilidade do analista através do espectro memória \Leftrightarrow desejo relacionando-o com formas de interpretação correspondentes às transformações descritas por Bion (1965). São elas: 1) *interpretações explicativas*, que vão desde uma informação sobre a realidade factual da análise até uma interpretação que é apenas conhecer *sobre* a mente do analisando (que correspondem às transformações em K); 2) *interpretações rotineiras* (um termo proveniente de Meltzer, 1997a) e que entendo como interpretações calcadas na memória do analista, basicamente voltadas para explicar o presente através do passado. Os exemplos são as interpretações freudianas clássicas. Por mais necessárias que sejam, elas sempre têm alguma inevitável perda de significação para o analisando e coincidem com o que Bion (1965) chamou de transformações em moção rígida; 3) *interpretações doutrinárias ou sedutoras*, que correspondem às transformações projetivas descritas por Bion (1965), com acentuada perda de significação para o analisando, tais como as clássicas interpretações kleinianas saturadas de significados, que impedem o analisando de pensar e também as interpretações mutativas de Strachey (de acordo com Meltzer, 2004, a interpretação mutativa é uma noção grandiosa com *furor curandi*: o analista tem uma crença de que diz a coisa certa e que suas palavras vão entrar na cabeça do analisando efetuando uma mudança de pensamento. Essa intenção seria equivalente a uma lavagem cerebral e tem valor de propaganda, portanto a denomino de doutrinária). E finalmente, no extremo das possibilidades interpretativas, descrevo as *interpretações mirabolantes* (que são interpretações calcadas totalmente no desejo do analista, com perda total de significação para o analisando e que podem chegar a ser megalomaniacas, coincidindo com o que Bion, 1965, chamou de transformações em alucinose). As *interpretações criativas*, relacionadas com as transformações em O, emergem da tolerância dos princípios ético-estéticos de observação: incerteza da observação, incompletude das interpretações, infinitude do campo, negatividade na atenção, singularidade dos indivíduos envolvidos, indecidibilidade de pontos da relação e complexidade do objeto psicanalítico.

3. Um vértice auxiliar sobre a capacidade imaginativa no trabalho analítico

Em meu trabalho *Uma breve investigação sobre a diferença entre fantasia e imaginação à luz das idéias de Bion* (2005a), procurei mostrar que o analista perde sua capacidade para as interpretações criativas se não estiver sintonizado com os ritmos produzidos pelo que chamo de *imaginação radical*. Cheguei a esta hipótese investigando os problemas decorrentes de não se levar em conta o diferencial entre fantasia e imaginação, pois, como já foi dito, é a *imaginação que estabelece o vínculo entre a intuição e a Language of Achievement*. Se permanecermos apenas sob a influência da fantasia, a intuição fará vínculos com linguagens comuns e até com linguagens científicas e teóricas, mas não com a linguagem psicanalítica. Utilizando o diferencial, é possível perceber e levar em conta que existe uma área da mente humana que *cria* algo que não é uma imagem ou uma fotografia da realidade⁸. São essas criações que reencontramos constantemente na clínica, tanto quando analisamos os sonhos, ou quando ouvimos um paciente que traz uma imagem do mundo que é própria, totalmente *singular*, e que nos faz deparar com algo que não estava lá antes. Portanto, há um momento, pelo qual a relação analítica transita, em que se pode dizer que o inconsciente foi criado e o que havia antes se expandiu. É neste trânsito originário que podemos considerar a *experiência* mais primitiva de todas, captando os ritmos da imaginação radical assim como sua quebra. Foi para tentar descrevê-la que criei uma ficção que denominei de *As origens do inconsciente: arcabouços da mente futura*.

O termo *imaginação radical* é tomado de empréstimo da obra filosófica de Cornélio Castoriadis (1997). Com pequenas modificações de ordem prática, tento descrever *o elemento originário da intuição*, procurando diferenciá-lo da noção kleiniana de identificação projetiva (fantasia inconsciente) que surge posteriormente (pois entendo que o conceito kleiniano já implica na existência de um inconsciente). Portanto, a imaginação radical como origem representa o núcleo da pré-concepção, originando as *primeiras realizações* no mundo da mente embrionária, ainda fechada ao sentido, antes da distinção de qualquer objeto. Mas como isso acontece? E devemos chamar de *concepções* o produto final dessas

⁸ A crença de que pode haver tal coisa provém de antigos conceitos de aprendizado e sobre a natureza dos traços de memória. Um traço de memória não é a impressão de algum tipo de realidade externa, como se fosse a sua imagem na realidade interna, mas uma modificação de possibilidades funcionais que ocorre na estrutura mental segundo um processo de *aprender da experiência* (Imbasciati, 2001).

realizações? E como formular a produção desta *mente embrionária* que se mantém mesmo após o nascimento?

A imaginação radical⁹ em seu primeiro *habitat* é naturalmente ativada pelos ritmos cinestésicos e acústicos¹⁰, tais como o ritmo do coração da mãe, o ritmo do coração do bebê, o ritmo do peristaltismo intestinal, o fluxo da bexiga, o balanço do fluido amniótico, todos eles expressando a rotina diária da mãe e com isto a sociedade em volta – as possibilidades imaginativas são infinitas. Entretanto, o que ressaltam são os efeitos destes ritmos e oscilações neste mundo pré-subjetivo: eles provocam uma espécie de explosão que abre espaço e cria um tipo de forma como um *cilindro*¹¹ ou um tipo de *janela* cujas molduras são feitas de *tempo*. Tempo que começa a organizar uma previsão do mundo do que está por vir. Neste sentido, o modelo psicanalítico de Bion é prospectivo e temporal: a mente do feto se desenvolve, se expande na *previsão* de lidar com certas situações que aparecerão no meio gasoso, mas de certo modo já chegaram como uma *memória do futuro*. A janela (pré-concepção) é um preparativo para relacionar-se com as situações futuras (e pode se desenvolver adequadamente, ou pode se transformar em patologias). É sempre originária a experiência de expansão e relaciona-se com o domínio da imaginação. Não se trata ainda de repetição, que é do âmbito da fantasia.

Note-se que uma teoria sobre um *estado mental inacessível* deve permitir que todas as questões inerentes à criação de significados durante o trabalho psicanalítico possam ser aplicadas e ampliadas. Uso a idéia de *radical* (a raiz de todos os conceitos) porque a criação se faz *ex nihilo*. Não cria imagens no sentido visual, mas formas puras, não saturadas, que podem se transformar em todo tipo de imagens (como, por exemplo, uma imagem acústica, que aciona a imaginação produtora precedente a uma interpretação criativa).

Em seguida, descreverei a ficção científica e após levantarei algumas questões que podem estar relacionadas com as vicissitudes das origens do inconsciente, através de algumas situações clínicas, embora, como todos sabemos, não seja simples colocar tais experiências em relatos.

⁹ A primeira dificuldade para trabalhar com este conceito está na palavra *imaginação* em si mesma, comumente relacionada a imagens. Esta é a imaginação elaborada. Estou me referindo a imagens que não são visuais. Elas são essencialmente auditivas e cinestésicas.

¹⁰ Existem objetos (ou experiências) que são olfativas, auditivas, cinéticas, que são, no meio intra-uterino, muito mais importantes que os objetos visuais (ou experiências).

¹¹ Tais *cilindros* ou *janelas psíquicas* também constituem as molduras dos níveis do espectro de realização das pré-concepções, o espectro narcisismo⇌social-ismo: *crer* ⇒ *pensar* ⇒ *aprender da experiência* ⇒ *criar*.

4. As origens do inconsciente: as molduras embrionárias da mente futura

Houve um momento na evolução das espécies (entre quatro a dois e meio milhões de anos atrás) em que um tipo de primata, 120 cm de altura, habitante das savanas africanas (provavelmente o *Australopithecus*), desenvolveu uma refinada capacidade de observar seus predadores. Esta habilidade produziu desenvolvimentos importantes em seu sistema nervoso central (ou vice-versa¹²). Ao mesmo tempo, desenvolveu uma habilidade para usar as cordas vocais, que tinham se estendido muito mais do que as das outras espécies, pois caminhava nas duas patas traseiras (era mais fácil e mais rápido para carregar bebês e coisas) e esticando o pescoço para olhar à distância e manter uma melhor vigilância sobre os predadores (uma espécie de tigre que dele se alimentava e um tipo de elefante que o esmagava). Além disso, suas cordas vocais tornaram-se capazes de produzir sons variados e diferenciados (uma espécie de pré-concepção da linguagem humana) que podiam causar medo e paralisar os predadores. Esta linguagem também serviu como modelo para jogar coisas (pedras e galhos de árvore que mais tarde se transformaram em lanças e flechas feitas de ossos) que podiam ferir, causar dor e eventualmente matar os predadores. Também não demorou muito para que descobrisse o potencial de gritar em grupo, o que potencializou sua capacidade de ataque e defesa. Entretanto, essa combinação de habilidades produziu mudanças catastróficas na espécie.

Inicialmente, as novas habilidades desenvolvidas fizeram-no sentir a presença de um predador terrível, invisível e constante: uma enorme tensão causada pela observação de sinais vindos da intimidade entre biosistemas separados entre si por milhões de anos na escala da evolução, tal como é a distância entre a origem do sistema nervoso periférico e o aparecimento de um sistema nervoso central desenvolvido (uma diferença em torno de quinhentos e cinquenta milhões de anos).

Em virtude desta enorme tensão (que atualmente se pode denominar de angústia persecutória), os sistemas se aproximaram do caos e, como acontece neste tipo de evento, o sistema quase caótico, *autopoieticamente* (Zeleny, 1981), produziu uma solução: o *espaço*, que era naturalmente linear, bidimensional e concreto, presente em todas as espécies vivas desde o início da evolução, *dobrou-se*, na tentativa de reorganizar a relação entre os sistemas. Todavia, este resultado

¹² A incerteza sobre as origens está sempre presente. Para observar nestas áreas é preciso levar em conta o princípio ético-estético de indecidibilidade (Chuster, 2002, 2004).

produziu nova aproximação ao caos, com o aparecimento de experiências de *tempo*, mais experiências de espaço interno e externo, além de experiências maciças de percepções de perda de individualidade com a conseqüente fragilidade e o desamparo. Essa complexidade gradualmente tornou-se o que hoje em dia é denominado de pensamentos e espaço mental.

Com o aumento das experiências persecutórias e assustadoras (protopensamentos), a tensão pela perda da individualidade (percepção da dependência e da solidão), que pode ser definida como *constitutiva*, tornou-se tão poderosa, que o espaço dobrado alcançou novamente um ponto próximo ao caos e, mais uma vez, autopoieticamente, produziu mais uma solução, desta vez uma *força de desconexão* que passou a trabalhar simultaneamente com a força que mantém o sistema funcionando.

Por causa do conflito entre as duas forças, plenamente descritas por Freud (1923) como pulsões de vida e de morte, a erosão biológica e a procriação, até então seguindo ciclos naturais como no resto dos animais, adquiriram uma autonomia que aboliu quase todos os instintos animais, passando então a ocorrer em virtude de experiências temporo-espaciais (triangulares). Além disso, sempre que a complexidade alcança um limite de tensão específico, a espécie torna-se capaz de, voluntária e violentamente, autodesconectar-se e de desconectar-se de outros membros.

De modo a manter o equilíbrio entre as forças opostas, o espaço dobrado foi forçado a trocar objetos entre os meios externo e interno. Isto produziu uma função equivalente a uma função digestiva, base de uma linguagem rudimentar que até hoje está evoluindo. Todavia, em virtude de uma parte que ainda confundia o externo com o interno, o que significava uma fonte extra de tensão disruptiva, o sistema novamente aproximou-se do caos, e a nova solução foi fechar-se completamente sobre si mesmo, adquirindo uma forma cilíndrica defensiva. Assim, a função digestiva passou também a executar uma função de fechamento do sistema, tal como se fosse uma função de costura.

Se essa primeira função é bem sucedida (Bion, 1960, chamou-a de *função alfa*), ela cria uma espécie de rede, a *barreira de contato*, claramente separando o mundo externo do interno, mas, se ela falha, cria uma espécie de trama composta por furos irregulares (que ele chamou de *tela beta*), que traz de volta a confusão prévia entre mundo externo e interno.

Numa visão geral, *objetos digeridos e não digeridos* compõem os dois elementos básicos da linguagem do sistema, ou, de acordo com Bion (1960),

*os elementos alfa e beta*¹³. Através destes dois elementos hipotéticos, a forma cilíndrica pode criar outros elementos e crescer em direção negativa ou positiva, considerando-se como positiva a tendência social, uma vez que essa foi a forma eficaz que protegeu a espécie.

Na parte externa do cilindro, a função digestiva pode ser denominada de *função alfa do self* (Meltzer, 1997a), trabalhando para trazer para dentro do sistema símbolos do grupo e da cultura (símbolos adquiridos). Dentro do cilindro temos a *função alfa dos objetos internos*, que transforma os símbolos adquiridos em símbolos autônomos (peculiares a cada indivíduo).

5. Breve discussão do mito em busca de uma aplicação clínica

Até um determinado momento da evolução humana, a linguagem dos primatas, cujas representações são definidas de uma forma fixa e repetitiva pelos instintos, predominou totalmente nas comunicações.

O sistema nervoso central, até então um servo dos demais sistemas (e, portanto, das representações fixas), trabalhava, como no restante dos mamíferos, de *forma funcional*. Isto é, a representação sexual pré-humana estava ligada à reprodução através de um ciclo sexual, o cio. Fora dele, o pré-humano vivia em hordas, com seus indivíduos de certo modo ignorando-se uns aos outros, exceto quando se tratava de buscar alimento.

Mas houve um momento em que vivências caóticas na associação complexa dos biosistemas, causadas pelo ganho rápido e intenso de autonomia do sistema nervoso central, fizeram com que as representações humanas não fossem mais fixas e nem predeterminadas pela função reprodutora. O sistema nervoso central deixou de ser um servo para ser o amo dos sistemas e, além do mais, criou algo que é, do ponto de vista dos animais, uma aberração, que se chama mente humana e que produziu um outro tipo de linguagem (os sonhos, os idiomas, os sistemas dedutivos científicos, os cálculos matemáticos, as instituições sociais, as leis, a ética). Portanto, uma outra forma de funcionamento, que não tem nada a ver com a função reprodutora, passou a reger a espécie humana. Trata-se de uma *desfuncionalização* muito perturbadora, fonte permanente de turbulência emocional

¹³ As comunicações entre os mamíferos terrestres ocorrem através de padrões relacionados principalmente às regras e vicissitudes do vínculo. Trata-se de uma comunicação icônico-analógica composta por meios cinestésicos tais como os movimentos do corpo, as tensões musculares e as mudanças na face e nos sons da respiração. Nos seres humanos esta linguagem (elementos *beta*) é ainda muito forte e sensível. Podemos colocá-la na parte externa da dobradura, enquanto na parte interna temos a recém adquirida linguagem digital composta de elementos *alfa*.

e proveniente da existência de algo que Bion (1960) nomeou de *pré-concepção* e cuja teoria¹⁴ é fundamental para o entendimento de diversas questões levantadas neste trabalho. Postulo que ela estabeleceu a diferença entre o psiquismo humano e o animal e, como elemento mental mais arcaico, possui manifestações que já se fazem presentes no meio intra-uterino. A partir da pré-concepção o ser humano tornou-se irreversivelmente um ser mental em toda sua extensão.

Existem diversas situações clínicas que podem nos colocar diante da existência latente ou manifesta de *vivências caóticas*, nas quais é útil não partir da idéia do que chamamos de inconsciente, nem mesmo de consciente, mas partir da idéia de *inacessível*, para que alguma janela nova de compreensão possa ocorrer. Penso aqui naqueles pacientes que sofrem de confusões diversas, tais como os mencionados por Bion (1962), que, por não poderem sonhar, não podem dormir e nem estar acordados, isto é, nos quais há uma confusão entre estar acordado e dormindo.

Relembro aqui um caso supervisionado por Bion (1987), que está nos *Clinical Seminars*, de uma mulher de trinta anos que nunca usava o divã. Ela entra e diz: Hoje não vou ser capaz de ficar sentada aqui. E o analista faz perguntas para esclarecer mais, mas, a cada pergunta, as respostas da paciente vão tornando a situação mais confusa. Quanto mais se pergunta, menos se esclarece, essa é a matemática da situação. Bion chama atenção para o uso que a paciente faz das perguntas do analista com a intenção de não ter que crescer. Ele diz que, numa paciente como esta, ele começaria a suspeitar se ela realmente sabe a diferença entre o sonho e a vigília, ou se sabe a diferença entre um caso amoroso e uma psicanálise. E diz: “Entretanto, o ponto mais imediato é o que dizer para a paciente. Chega um momento em que damos uma interpretação. Existem milhões delas, mas existe apenas uma experiência, e esta é a experiência que o analista tem com o paciente – enquanto ninguém mais tem. Podemos discutir o assunto, mas isso

¹⁴ Alguns autores, entre eles eu mesmo (1989, 1996), chegaram a identificar a pré-concepção inata com o que Freud (1917) chamou de *protofantasias* (*Urphantasiën*). Não partilho mais dessa comparação teórica. Penso que a pré-concepção possui um novo sentido, e, como elemento nuclear do *objeto psicanalítico* (Bion, 1962), introduz na compreensão analítica uma *mudança de paradigma*, cuja dimensão científica correspondente é a teoria da complexidade (Waldrop, 1992). À medida que fui apreendendo melhor o conceito, minha concepção de processo analítico foi se modificando. Se antes já me distanciava do modelo médico e da aplicação do conceito de cura, ficou claro que não se pode fornecer análise a alguém como se fosse um remédio a ser tomado por tempo determinado, ou prescrito de tantas em tantas horas até que os sintomas desapareçam. Considero que a psicanálise está dentro das pessoas como uma função psíquica fundamental, em estado potencial, variável de indivíduo para indivíduo – isto é, algumas a possuem mais do que outras – e essas diferenças de *mobilidade* podem ser captadas na prática. Em outras palavras, a psicanálise é uma sensibilidade específica para descobrir os significados da vida em geral, que o assim chamado *processo analítico* visa a trazer à tona e desenvolver, caso encontre as *mínimas condições necessárias* de realização.

não é psicanálise, é sobre psicanálise. O sentimento que o analista tem de que algo está ocorrendo só pode ser conhecido se o paciente vem até ele e lhe dá uma oportunidade de experimentá-lo” (p. 5) Enfim, trata-se do momento em que as coisas se originam.

Um equivalente desse quadro é encontrado naqueles pacientes nos quais o contato com a realidade se apresenta muito penoso, sobretudo quando a mesma é o próprio estado mental (Bion, 1970). São pacientes que não toleram a dor e a frustração e as confundem de uma forma muito específica; eles sentem a dor, mas não a sofrem e, por isto, não podem ser ajudados a descobri-la. Conseqüentemente, falham em *sofrer* prazer e isso lhes nega o necessário encorajamento para receberem ajuda de alguém ou de si mesmos. Eles agem como se uma ação devesse preceder uma outra ação, num movimento mental que vai deixando de lado quase todos os elementos que produzem o pensar. Ficam numa espécie de estado mental muito penoso, vivendo com um mínimo possível de pensamentos e sentimentos.

Bion (1976) também menciona certos indivíduos que, após tentarem fazer de tudo para se livrar de certos estados mentais arcaicos e intoleráveis, mais tarde em suas vidas sentem o reaparecimento destas experiências de uma forma muito violenta:

[...] existem certos desenvolvimentos prematuros e precoces que são excessivamente precoces e prematuros para serem toleráveis. Portanto, o feto, o id, faz o melhor que pode para cortar tal conexão. Num estágio posterior da vida o indivíduo pode se autodesconectar (p. 294).

Adicionarei aqui também os pacientes que apresentam uma situação somato-psicótica (ou psicossomática), isto é, em que uma parte do corpo, ou um sistema, ou o próprio funcionamento mental é identificado como predador e, por isto, atacado de diversas formas. Podemos incluir nessas descrições as doenças exclusivamente humanas, tais como os quadros de autismo, as doenças auto-imunes, diversas situações de vulnerabilidade imunológica, doenças precocemente desenvolvidas e até mesmo as situações como a eclampsia. As possibilidades de encontrarmos tais situações na clínica, e que não se enquadram nestes quadros mais evidentes, são muito mais freqüentes do que estamos habituados a nos dar conta. Relacioná-las a um inconsciente que ainda não se formou, a um inacessível, pode trazer uma nova compreensão e mais liberdade de interpretação.

Bem a propósito destes estados faço uma citação do *Memoir of the future III: the dawn of oblivion* (Bion, 1979b):

24º somito: Você é um preconceituoso. Se eu soubesse que iria criar uma alma, teria permanecido um feto.

25 anos: Se eu soubesse que tinha um ancestral somítico tão feio, não teria tentado cultivar uma alma (p. 30).

Indicações da existência desses problemas de desenvolvimento mental básico podem aparecer em pacientes que confundem (algumas vezes grosseiramente e outras vezes sutilmente) realizações e valores tais como inteligência com esperteza, culpa com responsabilidade, erro com estrago, falha com prejuízo, crítica com depreciação, perda de juventude com envelhecimento, sinceridade com sociabilidade, intimidade com falta de privacidade, amizade com relacionamento social, paixão amorosa com amor apaixonado, pensamentos com pensar, inveja com ciúmes, voracidade com eficácia, resolver problemas com controlar situações, etc. Estas confusões muitas vezes têm conseqüências devastadoras no sistema social do indivíduo, levando-o a graves distorções da ética e do relacionamento humano. No sentido geral, estão relacionadas com más-ações e más-decisões.

Com muita freqüência, esses pacientes trazem situações em que nos vemos subitamente envolvidos por uma espécie de névoa estranha e densa que obscurece o nosso campo de observação, nossa percepção se torna restrita a alguns objetos vagos, enquanto outros parecem não ter conexão alguma entre si, produzindo sensações de mal-estar, ou sonolência, ou inutilidade do trabalho executado. Muitas vezes surgem imagens perturbadoras, emoções relacionadas a fatos aparentemente estranhos àquele momento, ou fatos relacionados a emoções primitivas, cenas incômodas, indisposição postural. John Milton (Milton apud Bion, 1973), escritor e poeta, denominou isto de *oedipical gloom (melancholia edípica)*¹⁵. Estamos lidando aqui com uma situação em que cada questão dobra-se sobre si mesma: o que está acontecendo com o paciente? É o mesmo que acontece com o analista?

Caso 1

Penso aqui num paciente que tem uma queixa freqüente de não dormir bem. Seu relato como passa as noites sugere a situação descrita por Bion (1962) em que o indivíduo não consegue nem dormir e nem estar acordado, pois não sonha. Entretanto, com a evolução do processo analítico, este paciente relata que sonhou no fim de semana que estava numa sessão de análise, observando que ambos,

¹⁵ Predomínio de uma clausura trágica sem a saída para a linguagem na qual o luto pelos objetos fica evidenciado e pode ser trabalhado.

analista e analisando (ele próprio), dormiam profundamente. Ele então acorda, olha no relógio, constata que são cinco da manhã e diz ao analista, em tom de censura, que ele já não devia estar ali há muito tempo. Mas, como o analista está dormindo, não escuta sua queixa, daí apenas o acorda para avisá-lo que o horário terminou.

Após contar o sonho, a única coisa que o paciente verbaliza (com certa ironia) é que achou muito curioso o fato que ambos estivessem dormindo na sessão e não disse mais nada. Seguiu-se um silêncio, e uma sensação de tédio e repetição foi captada pelo analista.

Aqui temos um paciente que sonha que está na sessão de análise e ao mesmo tempo pode dormir e estar acordado, pode também calcular e sonhar, ou que sonha calculando e que calcula sonhando, mas, quando conta o sonho na efetiva sessão de análise, não faz associações, o que até parece calculado para explicar ao analista que seus sonhos não são analisáveis. Entretanto, ele disse outras coisas não-verbais, pois pude observá-lo durante o relato do sonho, desenhar no ar, com o dedo indicador, o número cinco ao contrário dentro de um círculo e colocar como que um ponto final. Isso desencadeou no analista uma série de conjecturas racionais e imaginativas, a começar que Freud (1900) mostrou serem os números nos sonhos em princípio analisáveis. Também não é prudente aceitar que aquilo é apenas um sonho, como se fosse algo que não aconteceu. Pelo contrário, é mais apropriado considerar que é de fato aquilo que está acontecendo no momento.

Voltando ao paciente, poderia parecer que ele estava tendo uma sessão prolongada, que se estendia no fim de semana: o ritmo não se quebrava. Havia um atraso que poderia atender ao que aparentemente poderia ser um desejo de não se separar do analista. Um analista dormindo nada pode interpretar, além de não poder interromper a sessão. Mas, por outro lado, na sessão em curso, o paciente, ao nada associar, pode ter voltado a *dormir* sem ter sido acordado. De algum outro modo, distinto do habitual, ele não tinha se separado do analista ao ficar no que podemos chamar de estado de igualdade sensorial: ambos dormiam. Restava algo ligado à linguagem do número cinco, que ditava a condição do despertar (na qual manifestamente o paciente não age de acordo com o que tencionava fazer de início: uma de suas atitudes repetitivas). Aqui as junções das conjecturas imaginativas e conjecturas racionais do analista recolhem do *mito particular* do analisando uma indagação: estaria o número ligado ao fato de ser filho único de uma mulher que abortou cinco vezes antes que pudesse dar à luz ao paciente, após muitas complicações? (essa mãe esteve por trinta e cinco dias em coma durante o sexto e o sétimo mês de gestação, em virtude do rompimento de um aneurisma cerebral). Transferência de uma função materna falha? Alguma falha do analista contribui para isto? Ou o analista torna-se sempre falho quando dele se separa?

Mas, de certa forma, o analisando sabe tudo isso; assim, repetir interpretações com esse conteúdo seria apenas dar a elas uma feição rotineira, ou talvez, doutrinária. Procuo salientar neste trabalho que, como em qualquer outro momento da análise, os pensamentos do sonho, aos quais chegamos no curso de uma interpretação, dependem muito mais da *imaginação criadora* do analista, o que faz com que obrigatoriamente as interpretações fiquem sem um fechamento definitivo (seguem um princípio ético-estético de incompletude¹⁶), uma vez que provêm de todos os lados das redes intrincadas de nosso mundo de pensamentos – a maior parte deles não conseguimos descrever nos relatos clínicos. Sobre esse emaranhado inacessível, Freud (1900) disse em complementação a sua citação sobre o umbigo do sonho: “Do local mais denso desse emaranhado, eleva-se então o desejo do sonho como um cogumelo de seu micélio” (p. 2).

Penso que essa citação alude ao estado mental mais primitivo, quase caótico, que é de onde uma interpretação emerge e que pode eventualmente desvendar o conteúdo do sonho. Aqui também nos vemos numa encruzilhada entre uma interpretação que pode estar de algum modo saturada de memória/desejo, traduzindo uma *repetição*, ou dar uma *interpretação criativa* que possa revelar uma *expansão* mental e do vínculo analítico. É nessa última opção que a compreensão do estado mental mais primitivo, *as origens do inconsciente*, talvez possa ajudar, ao permitir pensar que há algo *inacessível* presente e que pode ativar uma *pré-concepção psicanalítica*¹⁷.

Este paciente, que veio para a análise vivendo situações conflitivas graves por conta do uso de drogas, até onde me foi possível perceber, em muitas outras ocasiões procurou uma concordância sensorial com as interpretações. Ele parece escutá-las, pois faz um gesto afirmativo com a cabeça. Todavia, após algum tempo, percebo que ele internamente rejeita as partes que o incomodam e silenciosamente as substitui por outras sabidamente falsas – a sua lógica, particularmente impecável, torna-se então o veículo de uma premissa falsa para chegar a um significado moralista (*transformação em alucinose*, Bion, 1965). Como resultado, ele coloca o analista numa função moral que o mesmo obviamente não está autorizado a exercer, desqualificando silenciosamente a análise e qualquer interpretação.

¹⁶ Os princípios ético-estéticos de observação (Chuster, 1999, 2003, 2005b).

¹⁷ A atividade imaginativa do analista, ativada pela pré-concepção e que é mostrada ao analisando pela interpretação, ou por uma construção, ou indagação, é uma forma de partilhar sentimentos e pensamentos antecipatórios, mais a sua junção com a prudência na ação, e que Bion (1979a) descreve como os *três princípios de vida*, em substituição aos dois princípios freudianos, prazer *versus* realidade, de funcionamento mental.

Tais desacordos, por serem silenciosos e outras vezes por virem através de uma concordância que não é de fato uma comunicação de significados, mas uma espécie de propaganda enganosa, podem ser mantidos indefinidamente, e a *análise* vai *caminhando* com ambos participantes *dormindo no ponto*, sempre passando do momento de falar sobre o que está ocorrendo no presente da sessão. Isso equivale a permanecer numa área saturada de memória e desejo que cria um vínculo destinado a não falar sobre o presente da sessão. Em outros momentos, talvez equivalha a ficar num estado em que não se está nem *acordado* e nem *dormindo*.

Este paciente, em estados muito primitivos de sua vida, isto é, no *inacessível antes de nascer* e, certamente, quando era um bebê, sentiu de várias formas a presença de uma mãe ora completamente ausente, ora esgotada e deprimida e desenvolveu uma *janela* de ressentimentos que mais tarde na vida o tornaram incapaz de perdoar as falhas dos seres humanos; o que também causou uma falta de interesse genuíno por si e pelos outros. Em última instância, essa incapacidade para diferenciar na paisagem humana uma falha de um prejuízo irreparável levou-o a construir um mundo confuso, regido pelo aniquilamento moral da preocupação com a verdade e com a ética, o que significa estar sacrificando sua capacidade de usufruir a vida em prol de um estado de torpor e, conseqüentemente, a análise: minha interpretação do sonho.

Nesse material tentei ilustrar um aspecto do material clínico em que se poderia pensar numa complementação interpretativa entre aspectos repetitivos do paciente e um aspecto do inconsciente que pode ser chamado de *inacessível*. Trata-se de abordar o que Freud na sua citação chamou de *micélio do cogumelo*, a rede próxima ao caos, anterior a qualquer significado. Mas o que vem a ser mais especificamente este *micélio*?

Podemos considerar que o *cogumelo* é um momento de integração dos vínculos amor, ódio e sede de conhecimento (experiência emocional) que até então estavam dissociados e espalhados sobre uma rede caótica, num estado de profunda incerteza. É o doloroso estado de incerteza que produz tantas defesas, principalmente as que se valem dos vínculos antiemoção (-K, -L, -H). Estas experiências se situam num *antes* da palavra, portanto é necessário poder imaginar e conceber esteticamente alguma forma de interpretação do desenvolvimento que adote uma ética que coloque em primeiro plano o respeito ao humano e à vida em geral. O que denomino de princípios ético-estéticos colaboram nesta tarefa (vide nota de rodapé 7).

Caso 2

Outra paciente iniciou a sessão dizendo, num misto de tristeza e ansiedade, que felizes eram os animais, porque lhes era muito fácil engravidar e permaneceu em silêncio sem nada dizer. Ela vinha se ocupando nas sessões de como se sentia infeliz por estar tendo uma série de dificuldades para engravidar. Os tratamentos médicos que vinha realizando falhavam sucessivamente. Pude observar que, nesta ocasião, qualquer interpretação que recebia na análise também falhava. Por que repetia o que pode ser uma dificuldade para receber ajuda? Do ponto de vista teórico, onde aquilo que chamamos de pré-concepção encontra uma realização inadequada que conduz apenas a um vazio infértil?

Eu poderia ter proposto investigar seus dolorosos sentimentos de incerteza com relação ao tratamento analítico (uma interpretação rotineira), mas, ao invés disso, pensei que seria útil colocar uma janela que se pode chamar de pré-concepção edípica em busca da realização como vínculo K ou *sede de conhecimento*. Ou melhor, aquilo que se imagina, aquilo que se representa, seja no plano consciente ou inconsciente, não é determinado por uma funcionalidade biológica. Mesmo que isso possa coincidir de tempos em tempos, nos humanos a vida sexual é inteiramente determinada por fantasias inconscientes. Por isto perguntei à paciente: quantos atos sexuais cujo objetivo é a reprodução alguém pode ter no curso da vida? Também perguntei a mim mesmo: qual a profundidade do problema de reprodução? Em que medida um casal envolvido com problemas de fertilidade encontra-se na mesma posição dos religiosos fundamentalistas que acreditam que devem ter relações sexuais apenas para fins de reprodução?

Eu mencionei a analogia entre o casal vivendo um problema de infertilidade (que poderia ser também representado pelo casal Laio e Jocasta) e os religiosos fundamentalistas, mas posso também imaginar que o problema deste casal guarda analogia com as religiões primitivas, politeístas e totêmicas, cujos rituais eram movidos pelo culto aos deuses da fertilidade. São todos movidos por um tipo de paixão. Qual a funcionalidade dessa paixão ou de qualquer outra experimentada pelo ser humano? Em que extensão o ato sexual, quando é apenas uma espécie de submissão ao totem, perde sua beleza e é atacado e temido como se fosse um predador? Podemos chamar isto de inveja – uma espécie de necessidade de inibir os bons objetos produtores de crescimento? (Bion, 1970). Ou uma necessidade de interferir com a capacidade dos bons objetos para a experiência estética e, deste modo, na relação com a verdade? (Meltzer, 1997b). De que modo a inveja constitui a moldura de certas janelas pelas quais o mundo é visto como um mundo de predadores? (Chuster, A.; Trachtenberg, R., 2004).

Certas questões feitas ao paciente no processo analítico necessariamente não têm resposta e nem podemos esperar pela resposta. Tampouco aumentam seu conhecimento sobre si mesmo. Assim, não se trata de entrar numa espécie de oráculo, seguindo apenas a propaganda *conheça-te a ti mesmo* indicada no portal e dali sair com o conhecimento do destino. Muita coisa, e talvez a maior parte do processo analítico, desenrola-se pelo tipo de *experiência emocional*, além das palavras, que certas questões, funcionando como interpretações ou construções, despertam no analisando. Em muitos momentos, é o *ritmo* dos sentimentos por trás das interpretações que permite o desenrolar da relação analítica (assim como em qualquer relação humana). A manutenção do ritmo é, portanto, essencial à análise. O conhecimento pode não aumentar no sentido intelectual, mas o espaço mental sim, graças ao movimento de estados mentais e ao preenchimento das *molduras das janelas da mente* com novas realizações.

Essas janelas formadas na mente embrionária, ainda vazias de paisagem, quando entram em contato com a mãe que reaparece logo após o nascimento, disponibilizando os seios, ganham a paisagem triádica: o recém-nascido, o seio, a mãe. O seio fica na encruzilhada, na zona de entrecruzamento da relação do bebê com a mãe: é a pré-concepção do seio realizando-se enquanto se realiza a pré-concepção edípica. Mas podemos sempre supor que algo antecedeu a esta encruzilhada; uma outra encruzilhada se formava, e não há como imaginar que ela não se dá de algum modo com violência, pois há sempre uma realidade social, exterior, independente, transformável e partilhável, rompendo o fechamento de qualquer pré-objeto ou de qualquer objeto posterior, permitindo que se faça a citação de Freud em sentido inverso: há muito mais continuidade entre a realidade social e a vida intra-uterina do que o impressionante isolamento do feto no útero nos permite imaginar. Assim, muitas questões funcionam como essa espécie de *invasão social* neste mundo fechado para o sentido, oferecendo uma espécie de horizonte de eventos não conhecidos e paisagens não preenchidas; um espectro de outras possibilidades pode ser experimentado.

Caso 3

Uma paciente, de quarenta e dois anos, inicia a sessão relatando, aterrorizada, uma atitude descontrolada que tomou – mas, contraditoriamente julgando-a positiva, pois obteve resultados em relação ao filho adolescente de quem muitas vezes se queixava mecanicamente devido à forma displicente de cuidar das coisas. Interpretações que podem ser chamadas de *rotineiras* tentaram em sessões prévias

colocá-la em contato com sua parte adolescente e displicente que não estava sendo sincera na sessão sobre seu sofrimento. Entretanto, tais interpretações em nada modificaram o estado depressivo que a trouxe para a análise, pois ela dizia que não sofria, pois onde achava que devia manifestar irritação havia um *vazio*. Essa paciente, que rotineiramente confunde cuidar de alguém com sacrificar-se e controlar problemas com resolvê-los, perdeu os pais em um acidente aéreo quando tinha dois meses de idade. Foi criada pelos avós idosos.

Não só como analistas, mas como pessoas comuns, podemos ter algum conhecimento de que verdadeiros pais e mães poderiam se irritar com filhos adolescentes e emitir uma opinião – mesmo que esses não gostem disso nem um pouco. Existe um vínculo importante entre as gerações formado por sentimentos e opiniões. O confronto entre elas é inclusive essencial para a aquisição de identidade.

Ela descreve que o filho se assustou muito com o tipo de raiva que lhe demonstrou. O marido, que estava chegando em casa, também ficou muito assustado. Ambos ficaram lívidos e acuados. Embora falando da presença de um objeto aterrorizado, a paciente prosseguiu no seu ritmo monocórdio habitual, associando sua raiva com a tentativa fracassada para deixar de fumar (algumas sessões atrás, quando o assunto estava em evidência, perguntei-lhe se fumar poderia ser considerado como a parte displicente no cuidar de sua vida, ou talvez uma espécie de símbolo de um marido que a tratava mal e a sufocava – outra de suas queixas). Na presente sessão me pareceu que ela oscilou de superficial para eufórica e parecia se sentir fortalecida com o ódio que dizia nunca ter experimentado (que poderia ser chamado de mortal). Eu posso, todavia, sempre ir mais além e imaginar o quão mais primitivo esse ódio pode ser. Há quatro milhões de anos atrás, os pré-humanos, ou melhor, as pré-concepções de humanos, se organizaram em grupo para se defender dos predadores. Eles tinham uma disposição circular que ficava praticamente estável e se repetia durante os pernoites nas savanas. Na periferia ficavam os defensores do grupo, em estado mental pronto para lutar ou dar sinais para uma fuga em massa; os sentimentos adequados para esse círculo externo são o ódio, o medo e o alerta (iniciativa). No círculo mais interno ficavam os bebês, as mães que cuidavam deles, os inabilitados por velhice e ferimentos, as grávidas, as crianças pequenas. Seu estado mental era de dependência total dos demais, pois sua ação girava em torno de alimentação e cuidados. Entre os dois círculos ficavam os casais copulando. Um macho do círculo externo vinha buscar uma fêmea no interno para copular, geralmente de forma despótica, ameaçando as crianças que protestavam por ficar sem os cuidados da mãe, ou atacando algum jovem macho que desejava emergir do círculo interno para o intermediário.

Através de conjecturas imaginativas posso localizar a parte masculina da

paciente nesse círculo externo, emergindo como defensora e protetora de seu grupo familiar, mas para isto tomando contato com a ferocidade de seu ódio e com a estupidez (assim ela definiu a situação) com a qual *educou* o filho dependente e se fez *respeitar* pelo marido. Ela, uma pessoa sofisticada e culta, sempre muito passiva e afável, deparava-se com a existência de um estado muito primitivo em expansão, um mundo até então inacessível e violento, que estava ainda por tornar-se inconsciente. Como disse Bion no final de *Making the best of a bad job* (1979a): “Esta guerra ainda não terminou” (p. 256). □

Abstract

The origins of the unconscious: wind“O”ws of the mind

This is an essay about the psychoanalytical methodology of investigation of primitive mental states, mainly in the light of Freud and W. R. Bion’s ideas. The starting point is an investigation of the difference between the origins of things that are in the unconscious and the origins of the unconscious *itself*, through an attempt to understand their characteristic movements, described as of expansion and repetition. The question emphasizes an inaccessible state of mind related to the first movement, and its implication in a change of paradigm in the psychoanalytical understanding, for it proposes an unconscious that goes beyond the Freudian unconscious. Using the same methodology as Freud in *Totem and taboo*, the author creates a fiction in which are placed the principal ideas considered relevant. The psychoanalytical object, the field of the psychic functions and the oedipical preconception, are theoretical elements articulated by the language of the fiction that contributes in maintaining the perspective of the inaccessible on the first plane. The author illustrates the ideas with pieces of clinical reports and discusses the use of his methodology, which aggregates questions concerning the difference of the use of fantasy and that of imagination, emphasizing creative imagination, its origin in what he calls radical imagination, and the relations between the idea of expansion of the unconscious with analytical intuition and the different interpretative rhythms of the analytical work.

Keywords: Pre-conception. Theory of thinking. Unconscious. Bion. Psychoanalytic object. Alpha-function. Myths applicability.

Resumen

Los orígenes del inconsciente: almacén de la mente futura

El texto es un ensayo sobre la metodología psicoanalítica en la investigación de estados mentales más primitivos, principalmente a la luz de las ideas de Freud y W. R. Bion. El punto de partida es la investigación de la diferencia entre los orígenes de las cosas que están en el inconsciente y los orígenes del inconsciente *en si mismo*, a través del intento de comprensión de los movimientos psíquicos respectivos, descritos como de expansión y repetición. Resalta la cuestión de un estado mental inaccesible relacionado al primer movimiento y su implicación en una mudanza de paradigma en la comprensión psicoanalítica, ya que propone un inconsciente que va más allá del inconsciente freudiano. Utilizando la misma metodología de Freud en *Tótem y tabú*, el autor crea una ficción en la cual pone las principales ideas que considera relevantes al tema. El objeto psicoanalítico, el campo de las funciones psíquicas y la preconcepción edípica son elementos teóricos articulados por el lenguaje de la ficción, lo que contribuye para mantener en primer plan la perspectiva del pensar en el inaccesible. El autor ilustra las ideas con fragmentos de relatos clínicos y discute el uso de su metodología, que agrega también cuestiones relativas a la diferencia del uso de la fantasía y de la imaginación, resaltando la imaginación creativa, su origen en lo que denomina de imaginación radical y las relaciones de la idea de expansión del inconsciente con la intuición analítica y los diversos ritmos interpretativos del trabajo analítico.

Palabras llave: Bion. Preconcepción. Inconsciente. Teoría del pensamiento. Objeto psicoanalítico. Función alfa. Aplicación de mitos.

Referências

- BION, W. (1960). A theory of thinking. In: _____. *Second thoughts*. London: Heinemann, 1967, p. 110-119.
- _____. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- _____. (1963). *Elements of psychoanalysis*. London: Heinemann.
- _____. (1965). *Transformations: change from learning to growth*. London: Heinemann.
- _____. (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock.
- _____. (1973) *Bion's Brazilian lectures*. Imago: Rio de Janeiro.
- _____. (1976). Sobre uma citação de Freud. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 7, n. 2, p. 291-296.
- _____. (1977). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 15, n. 2, p. 123-136.
- _____. (1979a). Making the best of a bad job. In: _____. *Clinical Seminars in Brasilia and São Paulo and four papers*. Oxon: Fleetwood, 1987, p. 247-257.
- _____. (1979b). *A memoir of the future, book 3: the dawn of oblivion*. Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1981). *A key to A memoir of the future*. Perthshire: Clunie.
- _____. (1987). *Clinical Seminars*: Brasília and São Paulo and four papers. Oxon: Fleetwood.
- _____. (1997). *Taming wild thoughts*. London: Karnac.
- CASTORIADIS, C. (1997). *As encruzilhadas do labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CHUSTER, A. (1989). *Um resgate da originalidade*. Rio de Janeiro: Degrau.
- _____. (1996). *Diálogos psicanalíticos sobre W. R. Bion*. Rio de Janeiro: Tipo e Grafia.
- _____. (1998). Bion cria de fato uma nova psicanálise? *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 5, n. 3, p. 311-337.
- _____. (org.). (1999). *W. R. Bion: novas leituras*. v. 1. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2002). *An oedipal grid*. Paper presented at the International Conference on the work of W. R. Bion, Los Angeles, fev. 2002.
- _____. (org.). (2003). *W. R. Bion: novas leituras*. v. 2. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2004). *Os princípios ético-estéticos de observação*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional sobre a Obra de Bion em São Paulo, São Paulo, jul. 2004.
- _____. (2005a). *A brief survey in the difference between fantasy and imagination in the light of Bion's ideas*. Paper presented to Minnesota Institute of Psychoanalysis, Minneapolis, fev. 2005.
- _____. (2005b). *Interpretações analíticas e princípios ético-estéticos de observação*. Trabalho apresentado no 44º Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, Rio de Janeiro, jul. 2005.
- CHUSTER, A.; TRACHTENBERG, R. (2004). *Inveja*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional sobre a Obra de Bion em São Paulo, São Paulo, jul. 2004.
- FREUD, S. (1900). Interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência 23: os caminhos da formação dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1926) Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 95-201.
- IMBASCIALI, A. (2001). The unconscious as symbolopoiesis. *Psychoanalytic Review*. v. 88, n. 6, p. 837-873.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1983). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- MELTZER, D. (1997a). *Meltzer in São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (1997b). *Sincerity and other works: collected papers of Donald Meltzer*. London: Karnac.
- _____. (2004). A relação da psicanálise com as ciências e áreas afins. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 11, n. 3, p. 437-448.
- WALDROP, M. (1992). *Complexity*. New York: Simon and Schuster.
- ZELNY, M. (org.). (1981). *Autopoiesis: a theory of living organization*. New York: North Holland.

Recebido em 19/08/2007

Aceito em 22/08/2007

Arnaldo Chuster

Rua Visconde do Pirajá, 547/1010
22410-003 – Rio de Janeiro – RJ
e-mail: achuster@centroin.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA